

# Elementos para se pensar uma carreira profissional artística e criativa

*Alexandre Barreto\**

## Resumo

“Porque um indivíduo racional escolhe a carreira artística, se ela se reveste de tão poucas vantagens para a maioria?” Há um momento bastante favorável no Brasil para que as ciências econômicas, administrativas, de engenharia e de gestão, em conjunto com outras disciplinas do conhecimento, possam dedicar maior atenção para o estudo das carreiras artísticas, uma vez que estas se inserem no campo das artes do espetáculo, que integra o escopo dos setores criativos contemplados pelo Ministério da Cultura. Este artigo tem por objetivo estimular a ampliação do conhecimento sobre as questões presentes no contexto da gestão das carreiras artísticas. Inicialmente serão apresentadas quatro questões: o conceito de carreira artística, a tensão entre buscar ser “descoberto” e fazer o que é possível, atitudes que influenciam na boa gestão da carreira artística e a questão da formação.

**Palavras-chave:** Economia criativa. Engenharia. Gestão de carreira.

## Introdução

“Porque um indivíduo racional escolhe a carreira artística, se ela se reveste de tão poucas vantagens para a maioria<sup>1</sup>?” A pesquisadora Françoise Benhamou cita que em 1952 já haviam alguns pesquisadores interessados nesta questão, os quais produziram os primeiros modelos teóricos tentando explicar este comportamento. Esta preocupação demonstra que alguns economistas nos Estados Unidos da metade do século XX já estavam atentos ao fato de que pessoas decidem ocupar o seu tempo produtivo em atividades artísticas cuja oferta de trabalho é descontínua, as perspectivas de carreira são incertas e que, para garantir uma renda, na maioria das vezes é necessário o exercício de atividades complementares.

Pensar a complexidade da opção por uma carreira artística como uma carreira profissional não é uma tarefa simples. Além do curto espaço de tempo que o tema começou a ser pensado no mundo pela ciência<sup>2</sup>, ainda há uma produção e distribuição ampla de conceitos e discursos<sup>3</sup> que afirmam e estimulam que a dimensão simbólica e cidadã das práticas artísticas e culturais são mais importantes que a dimensão econômica. Tal hierarquização produz uma visão fragmentada do trabalho artístico, o qual se insere cada vez mais em “[...] realidades mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetárias.” (MORIN, 2002, p. 13). “Existe (ainda) uma relutância institucionalizada em reconhecer que as práticas culturais e os bens e serviços que dela resultam sejam presididos por lógicas de interesse, inclusive e sobretudo o interesse econômico.” (DURAND, 2007, p. 11-12)<sup>4</sup>.

Felizmente, este cenário está mudando. Em 2003 o ministro da Cultura, Gilberto Gil, iniciou um amplo diálogo e debate com artistas, produtores, gestores públicos de cultura e outros interessados na construção das políticas públicas brasileiras, em vinte encontros do Seminário Cultura para Todos<sup>5</sup>, nos quais se foi além das discussões sobre as dimensões simbólica e cidadã da cultura, tradicionalmente aceitas pela ampla maioria dos intelectuais. Ao ouvir diferentes agentes culturais acerca das questões do financiamento da cultura,

em especial os debates sobre necessidade de alteração da Lei Rouanet, o Estado brasileiro reconheceu e passou a difundir a necessidade de se pensar na dimensão econômica da cultura<sup>6</sup>.

Como se estivesse preocupado em correr atrás do tempo perdido, o Estado brasileiro afirmou em 2008, através da gestão do ministro Juca Ferreira, no caderno “Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura”, que “[...] a cultura, como lugar de inovação e expressão da criatividade brasileira, apresenta-se como parte constitutiva do novo cenário de desenvolvimento econômico socialmente justo e sustentável.” (MINISTÉRIO DA CULTURA; COMISSÃO PERMANENTE..., 2008, p. 12). Tal afirmação é uma demonstração clara que o Estado brasileiro não só passou a reconhecer a importância da dimensão econômica da cultura e a fomentar sua pesquisa, mas também percebeu que a relação intrínseca desta com a criatividade e inovação passou a ser uma importante variável com forte influência no novo cenário econômico mundial. Em 2008 o mercado de bens e serviços criativos sofreu poucos impactos, apesar da crise global. Enquanto o comércio internacional registrou naquele ano queda de 12%, as transações de bens e serviços criativos permaneceram aquecidas, com US\$ 592 bilhões em negócios (ACIOLI; IAQUINTO; MONTEIRO; THIMOTEO, 2011).

Avançando nesta direção, a ministra da Cultura Ana de Holanda criou em 2011 a Secretaria da Economia Criativa, órgão cuja gestão esteve inicialmente a cargo de Cláudia Leitão<sup>7</sup> e que com o lançamento do “Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011-2014” assumiu a tarefa “[...] de repensar, de reconduzir, de liderar os debates e a formulação de políticas sobre a cultura e o desenvolvimento no Brasil, com a missão de transformar a criatividade brasileira em inovação e a inovação em riqueza: riqueza cultural, riqueza econômica e riqueza social.” (LEITÃO, 2011).

Há um momento bastante favorável no Brasil para que as ciências econômicas, administrativas, de engenharia e de gestão, em conjunto com outras disciplinas do conhecimento, possam dedicar maior atenção para o estudo das carreiras artísticas, uma vez que as mesmas se inserem no campo das artes do espetáculo, que integra o

escopo dos setores criativos contemplados pelo Ministério da Cultura (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011, p. 29). A criação de seminários, cursos de extensão e ações pioneiras de estímulo a geração e difusão de informação sobre a gestão de carreiras, como esta da revista do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), programa permanente de pesquisa e extensão da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), cria condições para um novo cenário mais sustentável para os profissionais que trabalham com o nosso patrimônio maior: a diversidade cultural brasileira.

Nesta direção, o presente artigo tem por objetivo estimular a ampliação do conhecimento sobre as questões presentes no contexto da gestão das carreiras artísticas, ou seja, carreiras de profissionais inseridos na economia criativa, observadas pelo autor<sup>8</sup> ao longo de dez anos de experiências de convívio com artistas, técnicos, coletivos de arte, movimentos sociais, processos participativos em gestão pública da cultura, órgãos públicos gestores de cultura, empresas de promoções e eventos, produção executiva de *shows* nacionais, produção executiva de *shows* internacionais, produção de festivais, grupos culturais, profissionais do teatro, profissionais da dança, projetos sociais, produtores culturais, patrocinadores, público espectador (plateia), profissionais da comunicação, meios de comunicação, espaços culturais, atividades formativas, espaços de discussão e reflexão e cultura das periferias, experiências que vem sendo também compartilhadas em textos publicados em portais colaborativos, livro, *blogs* e cursos por todo o País.

Inicialmente serão apresentadas quatro questões: o conceito de carreira artística, a tensão entre se buscar ser “descoberto” e fazer o que é possível, atitudes que influenciam na boa gestão da carreira artística e a questão da formação.

## **O que é uma carreira artística?**

A expressão “carreira artística” é percebida com muita frequência no dia a dia de três maneiras:

- interpretações sobre a sequência de fatos da vida pessoa e profissional

do artista divulgados nos meios de comunicação ao longo do tempo. Aqui ganham destaque os discursos do tipo “jornada do herói” que dão explicação as representações coletivas sobre as razões do sucesso do artista, histórias dramáticas e mitos. Recentemente artistas tem se apropriado das novas tecnologias de informação e comunicação e se tornado narradores de suas próprias carreiras. Exemplo: uma pessoa lê a biografia do seu grupo predileto e acredita que uma carreira artística é muito similar ao que leu.

- trajetória de realizações artísticas: artistas com anos de pesquisa estética ou de formação acadêmica tendem a ver sua carreira como uma sequência de trabalhos realizados. Associam a expressão “carreira artística” ao seu currículo ou portfólio. Exemplo: um intelectual tenderá achar que sua carreira artística resume-se a sequência de seus textos publicados.

- interpretações a partir de experiências práticas: esta terceira forma de percepção do que seja uma carreira artística ocorre a partir das vivências de uma pessoa com a realização de atividades artísticas. Exemplo: um músico instrumentista, ao falar sobre carreira artística, terá na maioria das vezes a sua experiência pessoal como referência.

Tais acepções para a noção de “carreira artística” muitas vezes reduzem o potencial de gestão sobre a carreira. Se alguém busca gerenciar sua carreira artística baseado apenas nos exemplos do passado (passado este sujeito sempre a variáveis específicas de um determinado contexto histórico, social, cultural e político) da carreira de artistas que atingiram o *mainstream*, na sequência dos trabalhos que realizou ou somente com a análise de suas próprias experiências, reduz suas chances de aprendizado e diminui sua capacidade de lidar com uma diversidade de incertezas próprias de cenários futuros.

Seria interessante se pensar o conceito de carreira artística como uma carreira profissional<sup>10</sup> que não está pronta, que necessita ser construída, que proporciona através do exercício organizado e equilibrado de atividades artísticas, convívio com o ambiente artístico e respectivo processo de aprendizado, trocas importantes, que contribuem de forma significativa para a promoção da sensação

de harmonia, liberdade, reconhecimento, realização e felicidade. Tal acepção pode também ser pensada de forma ampla para todos os profissionais envolvidos nas diferentes cadeias produtivas dos setores criativos.

### **A busca de ser “descoberto” x fazer o que é possível**

Muitas pessoas acreditam que a primeira (e talvez única) ação para gerenciar sua carreira artística seja empreender esforços possíveis para “ser descoberto” por um produtor, empresário ou por formadores de opinião que serão responsáveis por fazê-lo “estourar<sup>11</sup>”. Trata-se de um raciocínio parecido com o que ocorre no agenciamento de modelos e de jogadores de futebol. Pensando assim, na prática ocorre o seguinte:

- a) o profissional de carreira artística passa a acreditar que tem “um prazo” para que o sucesso aconteça e, na medida que este prazo começa a se esgotar, começa sentir-se frustrado e com menos motivação para perseguir seus sonhos;
- b) o profissional de carreira artística concentra toda sua ação na obsessão de “ser descoberto” e de virar uma celebridade e acaba não dando atenção para outros aspectos que podem contribuir muito também para o seu sucesso, como o planejamento de sua estratégia profissional, pesquisa artística, investimento em educação, planejamento financeiro e qualidade de vida;
- c) o profissional de carreira artística transfere a responsabilidade sobre sua carreira para terceiros e esquece que é livre e dono de seu próprio destino.

Indagado se o escritor precisa também ser empresário de sua própria obra, o escritor Marcelino Freire respondeu: “[...] depois de escrever o meu continho, vamos para a luta, vamos produzir livro, ver quem está escrevendo coisa nova, ver como juntar essas turmas todas. [...] Não dá para ser aquele escritor ali numa redomazinha.” (FREIRE, 2010).

É importante que o artista, de alguma forma, cuide da própria

carreira. Em entrevista concedida a Sâmya Leviori publicada na revista *Nós*, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, o autor deste artigo recomenda “[...] que o artista precisa encarar a realidade e procurar se inserir nela da melhor forma possível, apontando como ‘um bom meio a criação de canais de comunicação ativados de forma permanente na internet para a divulgação de seu trabalho.’” (MARTINS; SILVA; COSTA; LEVIORI, 2012, p. 25).

## **Atitudes que influenciam na boa gestão da carreira artística**

Nem todos os profissionais de carreiras artísticas conduzem suas carreiras com uma postura que facilite o seu desenvolvimento.

Existem artistas que não precisam obter o seu sustento da sua atividade artística ou não querem obter o seu sustento da sua atividade artística, o que faz com que se concentrem apenas na execução desta atividade.

Existem também artistas que “[...] não compreendem com clareza certos limites de funções. Insistem em tratar seus produtores como boys de luxo, ou seja, subordinados mantidos sempre por perto para resolver quaisquer problemas de natureza operacional.” (AVELAR, 2008, p. 90). Muitas vezes isso ocorre devido à baixa formação dos artistas. E embora haja inúmeros exemplos de artistas no passado cujas oportunidades e o reconhecimento profissional não dependeram de sua formação, este panorama está mudando no Brasil.

Três exemplos. As matrículas nos cursos universitários de dança, no período de 2003 a 2007, cresceram de 1.255 para 1.354 alunos (SEGNINI, 2012). No mesmo período, o número de matrículas nos cursos de artes visuais registrou um crescimento de 18.500 para 22.500 alunos. Nos cursos de música, no período de 2000 a 2005 o número de matrículas aumentou de 3.198 para 10.067.

Assim como cresce a busca pela formação específica nas atividades artísticas, cresce também o número de profissionais de carreiras artísticas interessados nas áreas de administração, produção e gestão cultural.

Reconhecer a necessidade de se permitir aprender novos

conhecimentos é uma atitude que contribui muito para a tomada de boas decisões na carreira artística. O cineasta Fernando Meirelles é um bom exemplo disso. Meirelles explicou em entrevista publicada na matéria “Bagunça Criativa” da revista *Época Negócios* (SALGADO, 2012) que conheceu em 1997 o livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins. Como não tinha experiência na direção de longa-metragens, esperou cinco anos para rodar o filme, após realizar o filme “Domésticas”. E valeu a pena esperar. O filme “Cidade de Deus” recebeu quatro indicações ao Oscar, incluindo melhor diretor, projetou sua carreira internacionalmente e lhe rendeu inúmeros convites de trabalho.

## **A questão da formação**

Uma formação que contemple conhecimentos de administração, engenharia, produção cultural e gestão cultural pode contribuir muito para que os profissionais de carreiras artísticas entendam melhor o contexto onde suas atividades estão inseridas.

A oferta de ensino de administração no Brasil é ampla. Contudo, seu foco na maioria das vezes é formar pessoas capacitadas para ocupar cargos de gestão como funcionários e em áreas de conhecimento mais voltadas a atender às necessidades de grandes organizações. Este direcionamento dificulta que os profissionais formados em administração percebam as possibilidades de trabalhar na gestão de carreiras artísticas. E a criação da expectativa de trabalhar com administração no formato de emprego tradicional, dificulta a aproximação dos setores criativos e artísticos, uma vez que boa parte das pessoas que trabalham com atividades relacionadas a gestão de carreiras artísticas a fazem como empreendedores.

Os conhecimentos de produção e gestão cultural, por também contribuírem com a noção de “organização” presente na ciência administrativa, proporcionam aos profissionais de carreiras artísticas ferramentas para estruturar e gerenciar suas atividades. Contudo, a oferta de conhecimento sistematizado de produção e gestão cultural ainda é muito nova no Brasil. A falta de acesso à educação para a atividade de produção cultural prejudica todo o sistema de cultura

existente no País (BARRETO, 2008, p. 125). Na maior parte dos estados brasileiros, a preocupação de órgãos públicos com a disseminação do conhecimento de produção e gestão cultural é bastante recente. Nas poucas cidades onde esta oferta de ensino existe, nem sempre a abordagem contempla um diálogo entre teoria e prática<sup>12</sup>.

## Conclusão

Entender o momento favorável que nos encontramos, com a entrada do conceito de economia criativa no Brasil, compreender o que pode ser uma carreira artística (ou “carreiras artísticas”, dada sua imensa diversidade), questionar o paradigma da “descoberta do artista”, refletir sobre atitudes que influenciam uma boa gestão da carreira artística e sobre a questão da formação nos permitem visualizar novos horizontes.

O sucesso em uma carreira artística *pode ser mais* que talento natural ou obra do acaso. Pode ser também um caminho trilhado com método. Um método multidimensional em que criatividade, experimentação, sustentabilidade, inovação e interpretação caminhem de mãos dadas. Um método aberto, político e livre, de progressivo estímulo ao agenciamento, no qual exista avaliação de processo e avaliação de resultado (BARRETO, 2013, p. 92). Um método que possa ser construído com reflexão crítica sobre a prática<sup>13</sup>, pautado pela construção do conhecimento a partir da leitura atenta e do argumento inteligente<sup>14</sup> e provocador.

## Notas

<sup>\*</sup> Alexandre Barreto é um profissional multifuncional. Técnico em Mecânica pelo Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria (CTISM/UFSM), bacharel em Administração de Empresas com Ênfase em *Marketing* pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-graduando no MBA em Gestão Cultural da Universidade Cândido Mendes (UCAM), no Rio de Janeiro, e produtor independente desde 2003. Criador do *blog* “Produtor Cultural Independente” ([www.produtorindependente.com](http://www.produtorindependente.com)), possui diversos textos citados e recomendados em publicações do SEBRAE e em trabalhos de graduação e pós-graduação. Sua ação pioneira de compartilhar suas experiências práticas têm contribuído para a organização e desenvolvimento de setores criativos brasileiros. Atualmente é gerente administrativo e de projetos do Grupo Nós do Morro (RJ).

<sup>1</sup> Benhamou (2007, p. 44). O estudo deste livro foi recomendado ao autor deste artigo por José

Carlos Durand, diretor de pesquisas junto ao Recherches sur le Brésil Contemporain da Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris e doutor em Ciências Sociais (Sociologia) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a tese “Arte, Privilégio e Distinção: Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil – 1855/1985”.

<sup>2</sup> No Brasil este pensamento ganhou mais força a partir do surgimento das leis de incentivo, nos anos 1990, em especial, a Lei Rouanet, que estimulou a injeção de recursos econômicos nos setores criativos brasileiros e a estruturação de cadeias produtivas.

<sup>3</sup> Tanto no meio acadêmico, quanto fora dele. É forte também nos profissionais do Terceiro Setor, onde grupos informais e organizações formalmente constituídas da sociedade civil que atuam nos campos das artes e da cultura disputam recursos do Estado brasileiro e de organismos internacionais.

<sup>4</sup> Neste texto, este sociólogo e pesquisador afirma ainda: “Tal relutância – mostra a sociologia – nada mais é do que expressão inconsciente de uma antiga e aristocrática reivindicação de prestígio baseada na crença de que o mundo das artes seria, em sua essência mais íntima, o reino do completo desinteresse. Sendo aristocrática, esta é uma postura socialmente excludente, em desacordo com o consenso político contemporâneo que toma a cultura como território por excelência de vivência da igualdade e da fraternidade. Daí que o princípio de ‘negação do econômico’ nas artes deva ser visto antes como um entulho intelectual a ser enfrentado em nome da democracia do que como uma barreira contra a infiltração indevida do lucro no mundo sublime da estética – como fácil e costumeiramente é invocado. [...] Por tudo isso, além de poderem, as artes devem ser pensadas economicamente, para serem fomentadas e promovidas com mais equidade e eficiência.” (DURAND, 2007, p. 11-12).

<sup>5</sup> O autor deste artigo participou do seminário realizado em Porto Alegre, em 21 de julho de 2013, no espaço cultural Usina do Gasômetro.

<sup>6</sup> Esta ação foi o começo do processo de acúmulo de subsídios para a formulação e implementação do “Plano Nacional de Cultura”, um plano de estratégias e diretrizes para a execução de políticas públicas dedicadas à cultura.

<sup>7</sup> Cláudia Leitão é professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará e foi secretária de Cultura do Estado do Ceará. O autor deste artigo estudou o tema “Cultura e Desenvolvimento” em aula ministrada pela pesquisadora no curso “Gestão Contemporânea da Cultura” em 2009.

<sup>8</sup> Criador do *blog* “Produtor Cultural Independente” ([www.produtorindependente.com](http://www.produtorindependente.com)) ativo desde 2006, Alexandre Barreto possui diversos textos citados e recomendados em publicações do SEBRAE e em trabalhos de graduação e pós-graduação sobre produção cultural, gestão e eventos. É colunista da revista *Fazer e Vender Cultura*. Seu livro *Aprenda a Organizar um Show*, primeiro método sobre produção executiva de *shows* publicado em língua portuguesa na internet, foi acessado por mais de 22 mil pessoas, é recomendado no portal da Associação Brasileira de Gestão Cultural (ABGC), rendeu-lhe convite para cursos, palestras e consultorias em várias cidades do Brasil e a indicação em 2013 ao Prêmio Dynamite de Música Independente (SP).

<sup>9</sup> Para saber mais, ver Campbell (1995).

<sup>10</sup> Aqui o sentido de carreira profissional está associado ao trabalho mediante o qual uma pessoa obtém seu sustento e busca também atingir seus objetivos financeiros.

<sup>11</sup> Atingir o sucesso.

<sup>12</sup> Nos anos de 2009 e 2010 o autor deste artigo construiu em parceria com o SEBRAE AC e Rede Acreana de Cultura o curso “Gestão para Produção Cultural”, constituído por uma etapa teórica, uma etapa de *benchmarking*, com exercício prático de atividades num festival em Goiás e uma última etapa onde os alunos organizaram um festival na cidade histórica de Porto Acre (AC). Esta ação formativa recebeu do Ministério da Cultura em 2012 o Prêmio Economia Criativa na categoria “Formação para Competências Criativas”. Para conhecer a experiência, acesse o conteúdo na revista *Cultura em rede: a experiência da rede acreana de cultura*, disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2012/01/Cultura-em-rede-experiencia-acreana.pdf>>.

<sup>13</sup> Sobre a importância da reflexão crítica sobre a prática, o educador Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia afirma*: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”

<sup>14</sup> Muitas pessoas estão produzindo textos nos dias de hoje sem o tempo necessário para uma leitura atenta, para uma interpretação atenta, para uma análise ampla e para produção de uma síntese. Estão criando e disputando conceitos sem base. Sobre isso, Gustavo Bernardo afirma em seu livro *Educação pelo Argumento*: “Nós, hoje, quando se publica cada vez mais e se lê cada vez menos, em nome da informação e sob a égide da World Wide Web, estamos criando, aceitando e difundindo ignorância e analfabetismo.”

## Referências

ACIOLI, Cláudio; IAQUINTO, Kalinka; MONTEIRO, Solange; THIMOTEO, Thaís. Uma ideia na cabeça, um mercado nas mãos. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 9, set. 2011.

AVELAR, Romulo. **O avesso da cena**: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2008.

BARRETO, Alê. Solos Culturais: um convite para a construção de um método aberto para o agenciamento do viver e fazer da cultura. In: BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves. **Guia Solos Culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

\_\_\_\_\_. Vamos educar pessoas para a produção cultural? In: BOULAY, Marinilda Bertolete (Org.). **Guia do Mercado Brasileiro da Música**. São Paulo: Instituto Totem Cultural/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

BENHAMOU, Françoise. **Economia da Cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

DURAND, José Carlos. Prefácio. In: BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

FREIRE, Marcelino. Entrevista. In: **Produção Cultural No Brasil**, volume 3. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

LEITÃO, Claudia. A criatividade e a diversidade cultural brasileiras como recursos para um novo desenvolvimento. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

MARTINS, Adriano Zucolotto; SILVA, Eduardo Lucas da; COSTA, Gabriela; LEVIORI, Sâmya. A experiência de jovens músicos no mercado de bares, restaurantes e casas de shows. **Revista Nós**. Vitória: Rede Cultural Jovem, n. 5, 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011-2014**. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

MINISTÉRIO DA CULTURA; Comissão Permanente De Educação E Cultura Da Câmara Dos Deputados. **Caderno Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura**. Brasília, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SALGADO, Raquel. Bagunça Criativa. **Revista Época Negócios**, São Paulo, n. 63, p. 64, maio 2012.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Música, dança e artes visuais: aspectos do trabalho artístico em discussão. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, n. 13, 2012.

Recebido em 26 de agosto de 2013.  
Aprovado em 28 de agosto de 2013.

## **Abstract**

“Why would a rational individual chooses an artistic career, whether it is of so little benefit to the majority?” Some economists in the United States since the mid-twentieth century were already aware of the fact that people decide to take their productive time in artistic activities whose labor supply is discontinuous, career prospects are uncertain and that to ensure an income in most times it is necessary to the exercise of complementary activities. There is a very favorable moment in Brazil for the economics, administration, engineering and management, together with other disciplines of knowledge, to devote more attention to the study of artistic careers, since they fall within the same field of the performing arts that integrates scope of creative industries covered by the Ministry of Culture in Brazil. This article aims to encourage the expansion of knowledge about the issues presented in the context of the management of artistic careers. Will initially be presented with four issues: the concept of artistic career, the tension between seeking to be “discovered” and do what is possible, attitudes that influence good management of artistic career and the issue of training.

**Keywords:** Creative Economy. Engineering. Career’s management.